

RIZOMAS E FLUXOS MOLARES E MOLECULARES DA MÁQUINA-ESCOLA: CONFISSÕES DE UM CARTÓGRAFO*

RHIZOMES AND MOLAR AND MOLECULAR FLOWS OF THE MACHINE-SCHOOL: A CARTOGRAPHER'S CONFESSIONS

Fábio Dal Molin

Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, Brasil

RESUMO

Nosso estudo é resultante de uma pesquisa de campo em uma escola pública Municipal de Porto Alegre-RS, localizada em um bairro que enfrenta diversos problemas referentes a urbanização precária e conflitos armados. A pesquisa durou quatro meses, nos quais o pesquisador conviveu no espaço escolar em horário de aula, e também explorou o ambiente social. Os instrumentos de produção de dados da pesquisa foram o diário de campo, a fotografia e a gravação dos sons ambientes. O método empregado foi a cartografia social de Deleuze e Guattari. As experiências apontam para uma experimentação da cartografia do espaço escolar enquanto produção caótica e estética do cartógrafo, e mapeamento dos rizomas e das linhas de fuga da escola enquanto produção de fluxos molares e moleculares de alunos, professores e comunidade transversalizados pelas políticas de educação e conflitos da comunidade.

Palavras-chave: cartografia; escola; rizomas; molar; molecular.

ABSTRACT

Our study is resulting from a field research in a public school of Porto Alegre-RS, located in a neighborhood that faces several problems regarding precarious urbanization and armed conflicts. The field research lasted four months, in which the researcher lived in the school space in schedule of class, and also explored the social environment. The instruments of production of data of the research were the field diary, photograph and the recording of the ambient sounds. The employed method was the social cartography of Deleuze and Guattari. The experiments point to a trial of the cartography of the school space as the cartographer's chaotic and aesthetic production and of the rhizomes and of the lines of escape of the school as the production of molecular and molar flows of students, teachers and community transversalized for the politics of education and the community's conflicts.

Keywords: cartography; school; rhizomes; molar; molecular.

Introdução, começo ou prelúdio

“É preciso ter o caos dentro de si para dar a luz a uma estrela bailarina. Eu vos digo: tendes ainda o caos dentro de vós”.
(Nietzsche)

Convidamos os leitores a partilhar de experiências radicais na pesquisa em Educação e seus atravessamentos metodológicos, e trazemos a cartografia da máquina-escola enquanto energia metodológica. Temos como intercessores¹, Ítalo Calvino, Clive Barker, Jaques Rancière, Gilles Deleuze e Félix Guattari, além de nossa própria multiplicidade subjetiva, músicas, literaturas, percursos e percalços de um autor-multidão que lança mão dos signos linguísticos para dar corporificação a um

processo de pesquisa. Entramos no texto como a água da chuva entra no rizoma... Mas o que é um rizoma? Rizoma² é uma imagem-pensamento trazida por Deleuze e Guattari (1995) constituinte de uma bifurcação com relação à representação-modelo árvore. Enquanto a árvore possui um tronco central, entrada e saída pela raiz e pelas folhas, o rizoma é uma formação reticular a-centrada, sem entradas nem saídas, um princípio conectivo. Escrever sobre tecnologias, sujeitos e sobre a escola, nos parâmetros arborescentes, geralmente segue a ordem do geral para o particular, introdução, revisão bibliográfica, metodologia, referencial teórico, dados e conclusão. No entanto, no processo cartográfico, seguimos o rizoma por conexão e heterogeneidade: “1º e 2º - Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro

e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem." (Deleuze & Guattari, 1995, p.15). Dessa forma, não apresentamos os dados e os conceitos aos quais eles supostamente se relacionam de maneira cifrada ou codificada (processos lineares de interpretação teoria-prática) como frutos maduros que caem de uma árvore e dão origem a outras árvores idênticas. A cartografia para nós é uma viagem conceitual por fluxos a-significantes e pré-codificados de produção científica. Seguimos as gavinhas do Rizoma, e não a reprodução arborescente. Foi realizada uma imersão no cotidiano escolar inicialmente não estruturada, no simulacro de uma etnografia, com o objetivo inicial de mapear redes sociais em uma escola e "preparar o terreno" para implementação do projeto CIVITAS, o pesquisador-cartógrafo, alterou também as suas relações com a urbanização, expressando territorialidades e fluxos na tempestade de ideias do processo criativo. Porém, por acidentes geográficos transversalizados por tempestades macro e micropolíticas, a cartografia dobrou sobre si mesma, e forçou o pensamento em direção a experimentação e a invenção de um outro universo de pesquisa.

Cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações. (Kirst, Giacometti, Ribeiro, Costa, & Andreoli, 2003, p. 91)

Tal como a proposta de Deleuze e Guattari (1995) seguindo o rizoma por ruptura, nossa cartografia teve múltiplos pontos de entrada e de saída. Entender essas entradas e saídas, o uso de universos de referência literários, teóricos e metodológicos heterogêneos, e não-lineares, como intercessores para produção de um agenciamento precário de pesquisa. Não poderíamos ter feito de outra maneira. Nossa produção é oriunda de um percurso cheio de percalços, habitando a macropolítica e a micropolítica. Não escrevemos "sobre" os conceitos de Deleuze e Guattari, mas escrevemos "com" eles, produzindo rupturas e bifurcações. O leitor talvez sinta um leve desconforto e uma sensação de abandono, mas isso faz parte das sensações de estar perdido em um bairro, uma escola, uma política pública rotas de fuga. Essa sensação é compensada pelo vento da liberdade batendo no rosto.

Um de nossos rizomas de entrada: CIVITAS

O título do projeto enviado ao CNPq era "Civitas em rede: mapeamento e construção de redes sociais em uma escola".

Se um inverossímil habitante da superfície solar fosse arremessado à Porto Alegre e pudesse, de alguma forma, ter acesso à televisão, aos jornais e revistas ou a outras tecnologias de emissão de signos, seria informado que a Escola M está localizada na Vila P. Uma zona de urbanização precária e de conflito, encravada na base de um morro entre ruelas de chão batido, becos e lixo. Os cidadãos que habitam essa urbanidade sofrem com o desemprego, o subemprego e a guerra de gangues entre si e entre as gangues e a polícia. Os atos de educar e socializar da escola estão atravessados pelos fluxos sociais, pela invasão do espaço escolar por questões de habitação e convivência.

A pesquisa geradora deste texto ganhou verba do CNPq na forma de uma bolsa de pós-doutorado Jr, e o pesquisador-cartógrafo-escritor contemplado pela bolsa tinha como atribuições mapear redes sociais, conhecer a comunidade, a escola e auxiliar nas negociações para efetivação do convênio com a prefeitura de Porto Alegre para implementação do projeto CIVITAS. O projeto foi examinado e a bolsa foi concedida pela agência enquanto o convênio estava em processo de negociação. Foram disparados, em caráter extra-oficial (precário, micropolítico, molecular), uma intensa exploração no ambiente escolar, um levantamento fotográfico, algumas explorações de campo e escrita de diários. O pesquisador-cartógrafo passou a frequentar a escola três ou quatro vezes por semana, em dois turnos, fotografou e escreveu seu diário.

Após quase um semestre de experimentações no ambiente da Escola e do Bairro, a Secretaria Municipal de Educação anunciou a impossibilidade do convênio, por diversas questões orçamentárias, políticas e organizacionais. Como, pois, cumprir o cronograma de um projeto, que foi enviado ao CNPq com a quase total certeza de sua aprovação na Prefeitura? E o projeto inicial contemplava duas fases: a exploração etnográfica e a implementação e acompanhamento do Civitas... A resposta está na expressão "transformar o limão azedo em limonada doce", ou seja, tornar líquido aquilo que era sólido e se quebrou, produzir bifurcações, porosidades, linhas de fuga. A pesquisa dissolveu-se em si mesma, seus esquadrinamentos, seu próprio pesquisador-cartógrafo veio a questionar-se qual seria o objetivo daquilo tudo, daquele imenso tabuleiro de xadrez no qual éramos uma peça sacrificável.

Durante tais experimentações os raios solares dispararam reações químicas que produziram misturas e separações, fusões e fissões, ao mesmo tempo em que, aqui na Terra, o Sol cumpria seu ciclo ilusório e fazia o tempo passar...

Apresentamos aqui alguns fluxos desta cartografia da escola-máquina.

Cartografia: o método

“Nós somos os exploradores das regiões profundas da experiência. Demônios para alguns. Anjos para outros.” (Barker)

É difícil dizer “o que é” cartografia. Cartografia é “saber-fazer”, estar aqui e lá, seguir o fluxo. Porém, produzir filosofia é também forçar o pensamento a adquirir consistência, assim como a energia solar produz energia mecânica.

A cartografia é, pois “um método formulado por Gilles Deleuze e Félix Guattari que visa acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais trata-se sempre de investigar um processo de produção” (Kastrup, 2009, p. 32). Apresentamos o texto na primeira pessoa do plural, para justificar que ele não é uma análise de dados coletados, e sim um corpo costurado de teorias, pesquisas de campo, debates teóricos, projetos, fotografias, filmes, poesias, que trazem como vetor a máquina escolar. Somos enxertados neste livro, cujo título é “Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação – lugares do sujeito”, apresentando a destruição do sujeito e do objeto na pesquisa em educação, por duas ideias: a da máquina-escola e a de rizoma. A primeira vem da coletânea “Caosmose” do filósofo e cartógrafo Guattari, que amplia o conceito de “máquina”. Para nós a escola é uma máquina-fluxo, uma articulação de componentes materiais e imateriais, tecnologias, sentimentos, éticas, estéticas e políticas: animais, humanos, computadores, práticas pedagógicas, agenciamentos político-econômicos, políticas e micropolíticas. A Escola é corpo e metal, palavra e movimento:

Através dessa montagem e dessa finalização, se coloca de saída a necessidade de ampliar a delimitação da máquina strictu-sensu ao conjunto funcional que a associa ao homem através de múltiplos componentes:

- componentes materiais e energéticos
- componentes semióticos diagramáticos e algorítmicos (planos, fórmulas, equações, cálculos que participam da fabricação da máquina
- componentes sociais, relativos à pesquisa, à formação, à organização do trabalho, à ergonomia, à circulação de bens e serviços produzidos
- componentes de órgão, de influxo, de humor do corpo humano
- informações e representações mentais individuais e coletivas
- investimentos de máquinas desejanter produzindo uma subjetividade adjacente a estes componentes
- máquinas abstratas se instaurando transversalmente aos níveis maquínicos materiais, cognitivos, afetivos, sociais, anteriormente considerados (Guattari, 1992, p. 46)

O processo de cartografia da escola-máquina é descobrir sua radicalidade em seu ponto de intersecção, seu corpo –sem –órgãos³ de potência criadora, rigor

metodológico e leveza conceitual. Pretendemos, aqui, apresentar uma ética/estética/política das confissões de um pesquisador-cartógrafo, já que no momento vivemos intensamente a vibração intensa do trabalho de campo. Deixamos o leitor já atento ao paradoxo de buscar exprimir conceitualmente a experiência além da técnica e da teoria. Pretendemos proceder de forma semelhante ao pensamento do mestre Jacotot, descrito por Jaques Rancière no livro *O Mestre Ignorante* (2005): pelo caminho do mestre explicador, que reifica a desigualdade professor/ aluno ou o mestre emancipador, que desperta os saberes pulsantes, aproxima-se do artista quando traça linhas de fuga por entre os métodos aprisionantes da aprendizagem.

O processo de aprendizagem (que também é de pesquisa, investigação, curiosidade) pode, na perspectiva de Jacotot/Rancière ser puramente um ato de emancipação, um ato artístico, uma obra estética. Jacotot/Rancière produzem, enquanto órgãos intercessores de um corpo costurado, intensidades que colocam a educação enquanto potência de usinagem.

Nessa perspectiva, o texto acadêmico explicativo carece, por vezes, de intensidade e capacidade de deixar-se afetar, charme, impulso, pelo objetivo tácito de tornar molares as circunvoluções moleculares do pensamento vivo, e esse pensamento, por vezes, pode até ter nascido morto. Em nossa perspectiva, o cartógrafo, ao mesmo tempo em que lê textos, discute, debate e anota, usa caderno, grava de sons, utiliza caneta e máquina fotográfica e visita uma escola na Vila P., no Bairro B, e lá permanece por horas a fio, conhecendo pessoas, lugares, modos de existência, conversando, exposto ao sol, à chuva, poeira, barulho, piolho, sarna, carrapatos, sem esquecer-se das lagartas caindo de árvores e dos mosquitos picando, sendo confundido com alunos, estagiários, aprendendo truques da invisibilidade... Linhas, lineamentos, intensidades, ondas doloríferas. O pesquisador-cartógrafo ingressa no campo como o Body-Artist suspenso por ganchos que lhe atravessam a pele e o suspendem no ar em pura tensão, ou como os Cenobitas criados pelo escritor Clive Barker (1987) em *Hellraiser*⁴: em busca do êxtase extremo tem seus corpos estraçalhados e reconstruídos como máquinas de prazer e dor. No primeiro filme da série, há um cenobita que precisa destruir corpos humanos para reconstruir o seu. Assim é que pensamos que o cartógrafo possui um devir-cenobita: constrói seu corpo de outros corpos: das imersões no campo, da pesquisa, teorias, obras de arte e, principalmente, de seus diários.

Produção de dados: diários de bordo

Importantes componentes da pesquisa na máquina-escola consistiram em um mergulho na experiência

de campo, entendendo essa como encontro de potências (Deleuze, 2002) territorializado, na escrita de um diário, cujas memórias provêm dos instrumentos fotográficos e sonoros de registro. Tal diário, porém, não contém em si a pura representação icônica dos acontecimentos daquele momento "único"; ele contempla a espessura temporal dos devaneios do pesquisador: a cidade, o bairro, a escola ressonando nele. Não são meros fotogramas impressos no cérebro, e sim ressonâncias mnemônicas, ritornelos, repetições existencializantes (Guattari, 1980). O pesquisador produz um corpo de dados que transversaliza memória, história e presente e o devir-pesquisador produz ressonâncias entre o inusitado e o atemporal. Da mesma forma que nossos pensamentos encontram lastro nas teorias que fundamentam a pesquisa, a construção de nossos dados empíricos apoia-se em experiências "passadas". A cartografia Corpo-Sem-Órgãos é transversalizada, por instantâneos do caos, erupções empíricas do diário de bordo, que, como no sinal invertido de uma reação química- sensível, foi produzida mesclando os conceitos inspiradores. Assumimos, aqui, a impossibilidade do dado "bruto", da experiência "por si só" e sim a possibilidade da escrita e da experimentação enquanto simulacros (Axt, Ferreira Filho, Balle, Rodrigues, & Müller, 2008).

Diário de campo, sem data definida, escrito no ônibus

Compartilhamos da ética, estética e política etnográfica da plenificação⁵ do tempo, como coloca Cláudia Fonseca, quando apresenta seu livro "Família, fofoca e honra": "Por tudo isso, atrás das narrativas deste volume, há uma fé na pesquisa de campo - longas horas, aparentemente jogando tempo fora, na observação de cidadãos comuns em suas rotinas mais banais" (Fonseca, 2004, p. 7).

O cartógrafo estraçalha o corpo do etnógrafo, faz seu devir, "joga o tempo fora", mas o tempo flui pelo cotidiano, preenche o ruído da vizinhança, os espaços vazios entre as paredes da sala de aula, da biblioteca, do laboratório de informática, das grades curriculares. O que é cotidiano torna-se pesquisa pela reciclagem cartográfica da escrita do texto no tempo e no espaço.

Nossa escrita, no fim das contas, reverbera nas experiências radicais do cartógrafo cujo platô dimensional é vivenciar/ narrar/ pesquisar a cidade na qual habitamos e os espaços que nunca visitamos. Os processos inventivos do pesquisador/observador possuem algumas raízes profundas e pequenas ramificações em percursos incertos e intermitentes entre a psicologia social, a filosofia, a antropologia, a cibernética, a sociologia e tantos outros devires e misturas que, todavia, ousamos não chamar de "trans", "multi" ou "inter", mas "pré" ou "para" disciplinares. Como atividade neurocognitiva, o pensamento racional e analítico, motor da interpretação teórica, desenha rotas no cérebro, caminhos magnéticos que vão estabelecer o escopo das observações, construir

um território no qual os acontecimentos imprevisíveis da realidade repousam e encontram forma. Pensamento, teoria, prática, realidade, escrita, leitura, vivência, estar-no-mundo, agir e reagir, intervir e contemplar são categorias, encontros felizes e infelizes, converter percursos lineares em percalços criativos. A cidade, nesse contexto de observação, surge, em sua máquina biológica, cibernética, maquinica, como atrator caótico de experiências múltiplas. Ainda que possamos viajar no tempo e no espaço, ao mesmo tempo nosso corpo, nosso agir, nosso pensar e sentir, estão presos a regras físicas, éticas e políticas. Virgínia Kastrup (2009) investiga estas vicissitudes daquilo que chama de "atenção cartográfica": "O cartógrafo é, nesse sentido, guiado pelas direções indicadas por qualidades inesperadas e pela virtualidade dos materiais" (p.49)

Diário de bordo, data estelar 01/11/2007: cidade rizoma

O Eu flutuante do Sr. Palomar está imerso num mundo desincorporado, intersecções de campos de forças, diagramas vetoriais, feixes de retas que convergem, divergem, se refrangem. Mas dentro dele permanece um ponto onde tudo existe de outro modo, como um nó, um coágulo, um obstáculo: a sensação de que está aqui mas poderia não estar, num mundo que poderia ser mas não é (Calvino, 1994, p.18)

Peguei o ônibus "B" "crente" que ele entraria na rua que vai direto da PA até a escola. Como bom cartógrafo de primeira viagem, talvez eu pensasse que o mapa arrogante e linear que eu havia traçado no Google Earth seria capaz de simplificar todos os caminhos até a escola, da mesma forma que minhas experiências e conceitos pré-programados tornariam plena minha percepção da Vila P., B., etc. O cartógrafo, imerso no seu poço de ideias e em seu labirinto de métodos, por mais que seu espírito possa parecer afiado ou contemplativo, corre o risco de perder-se em si mesmo, porque a cidade é de seus moradores, não de seus visitantes.

O ônibus entrou em uma pequena outra transversal da grande avenida e se enveredou pelas ruazinhas do Bairro. Um pânico súbito sacudiu minhas certezas, mas logo um raio de luz atingiu minha retina: aqui estou novamente, aprendendo sobre a diferença entre mapa e decalque... O coletivo (sim, este nome demonstra mais fluxo do que rota) subia e descia, passava por pequenas ruelas estreitas, espaços fechados e miragens esplendorosamente verticais.

Meu mapa do Google Earth era um mero decalque, um pouco mais aberto que o mapa oficial, que esconde o endereço correto da escola. Pensei logo em pedir ao cobrador para descer na parada salvadora, aquela que eu havia visto do carro, da qual eu iria em linha reta para meu destino. Mas que diabos, qual meu destino? O que Guattari, o mestre que nunca conheci, diria para mim, com dublagem em português?

"Lembre-se, da cartografia, da angústia de não ter destino certo, não ter horários, de fazer o tempo passar, de deixá-lo escapar pelos dedos, perca a vergonha de não

saber responder perguntas simples, como aquelas que dizem respeito ao objetivo do teu trabalho”.

Não caminhamos nem tomamos o ônibus sem as leis de Newton, não pensamos sem a eletricidade e a física quântica dos elétrons e não somos capazes de estabelecer uma conversa sem a prisão linguística e semiótica.

Cartografar é, pois, caminhar no fio da navalha. Na escola M. B., local de nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de conhecer a SIR (Sala de Integração e Recursos), um agenciamento concreto localizado na escola que atende crianças com problemas sérios de adaptação escolar. O pesquisador cartógrafo seguiu o fluxo dos atendimentos e escutou muitas histórias, bem como conheceu muita gente. Conhecemos uma menina portadora da “Síndrome de Kabuki”. Dizemos portadora porque o saber médico desterritorializa o corpo “normal” e o reconstrói mitológica e metaforicamente no corpo-síndrome.

Essa síndrome tem esse nome pelo fato de os traços faciais serem semelhantes às máscaras do teatro tradicional japonês, “Kabuki”. Parece-nos óbvio que tal patologia tenha sido mapeada por cientistas japoneses, e possui um quadro sintomático complexo. Pensando na complexidade da Vila P. e da escola, o que significa o decalque da Síndrome de Kabuki? Pois bem, viajemos ao Japão, às grandes e tradicionais escolas de teatro. O teatro Kabuki funciona da mesma forma que a Ópera de Pequim Chinesa: as companhias obedecem a uma hierarquia de idade, tempo de prática e treino, da mesma forma que os personagens das histórias. De forma geral, as peças são variações temáticas com os mesmo personagens: o rei, os soldados, a gueixa. Na hierarquia da companhia, os novatos, que ainda estão dando os primeiros passos, conhecem poucos textos e ocupam o lugar de figurantes, servos, camponeses. Sua atuação na peça é restrita e sempre devem seguir os passos dos mais experientes, jamais podem improvisar, mas devem estar atentos às improvisações dos outros. O mestre da companhia, aquele que sabe mais, que domina o maior número de peças, é o que possui o controle total da cena, ele conduz a história e tem a total liberdade de improvisar. Se o mestre resolve, de repente, sentar no meio de uma cena, os demais correm para levar uma cadeira. O Kabuki é, por assim dizer, um espetáculo em que o molar (a peça, o rigor, a determinação, a técnica suprema) e o molecular (a improvisação, o jogo cênico imediato e sensível) atuam no mestre e no discípulo como potências antagônicas e complementares. Perguntamo-nos, então, se no processo cartográfico não há também um jogo entre o determinismo e a improvisação, entre o saber e o fazer. É preciso dominar a teoria para cartografar?

O que do passado influencia no futuro de nossos passos? Nossos anos de experiência cartográfica deter-

minam os passos ou qualificam a arte de improvisar? O que da síndrome de Kabuki determina na vida de uma pequena menina, simpática e esperta, que vive na Vila P., convive com tiroteios, privações e dificuldades? O quanto a vida tem de improvisado nesse contexto, não será ela a coreografia caótica da estrela bailarina?

Nesta política cognitiva a matéria não é mero suporte passivo de um movimento de produção por parte do pesquisador. Ela não se submete ao domínio, mas expõe veios que devem ser seguidos e oferece resistência à ação humana. Mais que domínio, o conhecimento surge como composição. (Kastrup, 2009, p. 49)

Diário de bordo, 14/11/2007

A Vila P., que na ocasião anterior era fria e cinzenta, agora estava quente e colorida. Tão colorida que na descida até a escola F. visitei minha infância, em frente ao que parecia um bar abandonado havia uma espécie de parreira cravejada de flores roxas características de um tipo de trepadeira dos matos porto alegreses, uma memória viva e roxa do colégio onde fiz meu jardim de infância. Quantas memórias aquelas flores ativaram em minha mente, e já saquei minha câmera para registrar aquele momento, e M. (minha colega de pesquisa e professora da escola M.) me impediu. No mesmo instante voltei ao presente e olhei à minha volta. A irregularidade do terreno, os casebres, os resquícios de demolições, a incômoda sensação de estar em uma zona de guerra... e ali realmente se configurava uma guerra, e uma câmera pode mesmo representar uma arma mortal. Ali, naquelas ruas, há um conflito simbólico, econômico, armado, uma disputa por poder, território, dominação, entre duas famílias ou clãs: os Mr e os Br. Pelo que soube, além de territórios do tráfico de drogas, as famílias são donas de pequenos mercados na região, e M. mostrou-me um ou dois de propriedade dos Br. É óbvio que, além do conflito entre os clãs, há a intervenção da polícia. Um sujeito como eu tirando foto de casas, de paisagens e ruas pode ser sinal de reconhecimento do terreno, investigação, algo assim. Portanto, por enquanto não será possível tirar fotos da Vila P e intermediações.

Cartografar escola era dobrar e desdobrá-la em seu contexto social, bairro, cidade, vila, favela, pois ela é a instituição moderna cuja responsabilidade é a transmissão de valores e conhecimentos da sociedade representada pelo estado e suas políticas. No entanto, o posicionamento de nossa observação encontrava-se na dobra entre a sala dos professores e a Secretaria de Educação, ou entre a hora do recreio e as políticas de gerenciamento que articulam direcionamentos ideológicos e metodológicos de todo um município. Enquanto a cartografia no ambiente escolar e comunitário produzia seus maquinismos, ativada pelo fomento do CNPq, a intrincada rede de trâmites burocráticos, energizada por relações de poder, prioridades, ambiguidades, or-

çamentos, enfim, grades de tempo e espaço kafkianas mastigavam e deglutiam o projeto Civitas. Nosso objetivo primordial, inicialmente linear, seria aproveitar a potência da cartografia como desbravadora do Civitas em Porto Alegre. O desdobramento da pesquisa acabou centrado na cartografia em si, na ambivalência das políticas públicas, nos fluxos entre a macropolítica administrativa e a micropolítica dos caminhos tortuosos. Tomamos gosto pelo processo e decidiu-se por levar essa cartografia a outras paisagens onde Civitas já habita ou habitará no futuro.

Assim, neste espaço entre o contrato e o controle, fluxos molares e moleculares atravessam a realidade escolar e se atualizam na escrita de diários de bordo. Propusemos um mergulho nas andanças por um bairro, no interior de uma escola, ao mesmo tempo em que tentamos nos enquadrar no esquema macropolítico e nos inserir em um projeto pedagógico. Produzimos este texto como um instantâneo do Caos, procurando produzir ressonâncias com o leitor em um convite ao incerto, ao duvidoso, ao balançante devir.

Diário de bordo, sem data definida

Eu não sou polícia, bandido nem inimigo, mas todos podem ser ou não ser, há um devir- inimigo em todos que respiram. Que belo exemplo de sociedade de controle, acentramento, rede sem centro, mas pontos de concentração, visibilidades e invisibilidades. Como será o devir perigoso de minhas fotografias? Estarei identificando lideranças, ou flagrando atitudes? Estarei desvelando esconderijos, pontos estratégicos de invasão ou rotas de fuga? Isso está ficando excitante, eu mesmo não tinha ideia de minha periculosidade... como diz o jargão? "Empoderado", é, estou me sentindo "empoderado".

Sim, esta última me agrada, buscando rotas e linhas de fuga, afinal, as câmeras embutidas em meus olhos e a terrível máquina processadora acoplada a eles em meu cérebro é o que escreve estas mortíferas linhas, e não há imagem pictórica que as supere.

Molar e molecular: fluxos e contra-fluxos

Guattari e Deleuze descrevem uma dinâmica do social como um plano de segmentaridades duras e segmentaridades flexíveis, sendo o Estado um organizador centralizante (de políticas chamadas molares, ou seja, que formatam e homogeneizam). No entanto, as segmentaridades molares, sobrecodificadoras, ressonam nos corpos, nas máquinas sociais, nas subjetividades desejantes.

Um projeto político de governo expande-se em uma rede burocrática, envolvendo cargos de alto escalão, cargos de confiança, funcionários públicos e

a população em geral atingida pelo projeto, homens, mulheres, crianças, jovens de diferentes procedências e ideologias. A expansão nessas redes complexas de diferentes modos de organização e de segmentaridades produz conflitos e linhas de fuga, micropolíticas, que se conectam reticularmente: "do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares" (Deleuze & Guattari, 1996, p. 94). As linhas de fuga são ações desejanças, produções micropolíticas no plano da análise e da intervenção.

Um importante livro que aborda de forma empírica estas questões micropolíticas, molares, e moleculares, é uma coletânea de artigos e ensaios de Guattari intitulada: *A Revolução Molecular*.

Não se trata, como podemos perceber, de uma nova receita psicológica ou psicossociológica, mas de uma prática micropolítica que só tomará sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares, proliferando a partir de uma multidão de devires mutantes: devir-mulher, devir-criança, devir-velho, devir-animal, planta, cosmos, devir invisível-tantas maneiras de inventar, de "maquinar" novas sensibilidades, novas inteligências da existência, uma nova doçura (Guattari, 1980, p. 139)

Os autores, quando abordam as relações entre as linhas molares (macro) e moleculares (micro), lançam mão da química para descrever a dinâmica macro/micropolítica,

O que chamamos de molar, refere-se a mol, e um *mol* é, quimicamente falando, uma referência quantitativa, representado pelo número de Avogadro, que é 60,2 seguido de 21 zeros. Como o número de átomos de sódio ou moléculas de NaCl (cloreto de sódio) em uma pitada de sal é gigantesco, ou seja, repete uma mesma coisa em larga escala, criou-se um artifício matemático para facilitar os cálculos, o mol. O mol é um codificador que facilita cálculos, para evitar um excesso de números. Em vez de multiplicar dois números já imensos, pode-se expressar "dois móis", ou 2M. No entanto, estabelecendo o mecanismo entre as grandezas molares e moleculares, notamos que um mol, em uma reação química, necessita ser um mol "de alguma coisa", que necessariamente será diferente do mol de "alguma outra coisa". As moléculas são expressas em termos de diferenças entre as unidades químicas. Na verdade, quando contamos qualquer coisa, estabelecemos uma relação molecular-molar, associando a coisa contada com o número em que se apresenta.

E, nessa perspectiva, realmente as secretarias de estado, máquinas-molares, funcionam como sistema autônomo, uma máquina enclausurada que realmente parece funcionar independente das escolas. A reflexão que estamos produzindo na Escola atravessa os campos da educação, da sociologia, da

antropologia e da psicologia social, ou pelo menos os torna intercessores de nossa cartografia.

Nosso plano de consistência metodológica, nosso corpo cenobita, é que na cartografia, ou seja, na perseguição Ca-ósmica de acontecimentos precisamente vagos e que se produzem nos encontros reumáticos entre o pesquisador e “aquilo que está acontecendo” possamos compreender e produzir sentido no encontro entre a Escola (com maiúscula indicando a máquina abstrata), a escola (com minúscula indicando estabelecimento) e seus agenciamentos, imbricamentos, atravessamentos e transversalidades. A experiência de estar no campo, estar a bordo da nave maquinica “escola”, é radical, implica em um mergulho em sistemas de controle, resistência, poder e interfaces. Ali, descobrimos a escola como um sistema múltiplo, multifacetado, um sistema que caminha longe do equilíbrio, produz redemoinhos e ciclones, mas, ao mesmo tempo enclausura-se em suas paredes institucionais e de tijolos⁶. A ilha socializadora em meio a um mar tempestuoso que envolve a urbanidade de sua população atendida em contraposição com seu corpo docente enclausurado em seus muros de pedra. Como toda tempestade, os fluxos sólidos, líquidos e gasosos produzem ondas, raios e trovões e, no meio disso tudo, procura navegar nos devires/ aprendizado, e também devir/pesquisador.

Diário de bordo, 04/11/2007

Neste momento chega L., a vice-diretora e, segundo informes, a próxima ocupante do cargo máximo da administração escolar (isso se confirmou mais adiante, ela foi a única candidata a concorrer, só não me lembro seu percentual de aceitação pela comunidade escolar). É claro que não toquei no assunto “eleições” e nem ela, por sorte, porque segundo M me falou, nem L. sabia que nós sabíamos que ela seria a possível nova diretora (uma pessoa que comporia com ela a equipe diretiva que me contou a decisão). Tenho ouvido com muita frequência a frase de que ninguém quer pegar o cargo, por diferentes razões, e isso denota uma importante crise institucional em uma escola tão grande e que sustenta um papel considerável dentro do caos urbano da Vila P, pois outra ideia recorrente nesta cartografia simbólica é o fato de os alunos gostarem de frequentar a escola, sentirem-se seguros dentro dela, afinal, é um grande espaço, com quadras de futebol, biblioteca, computadores, comida, e enfim, alguém que os olhe. Retomo aquilo que A. (supervisora) comenta sobre a fluidez.

De fato o espaço escolar é permeável, a escola é perfurada por entradas e saídas, e também o fluxo dos alunos é intenso em suas entradas e saídas, passeios, recreios, projetos. Eu vejo desaparecer em meus olhos e demais sentidos a dicotomia entre escola e comunidade. Ela pode até existir em algum plano molar abstrato, mas ali, na cultura de bactérias, no pântano florido do real, uma

máquina pluriversal está em pleno movimento, em um tresloucado balé entre ordem e caos. O prédio da escola surge imponente entre as ruas de chão batido e a imensa quantidade de lixo e sucata, os amontoados de casebres e os cães sarmentos, mas como mantê-la incólume sendo transversalizada pelas múltiplas entradas e saídas de 1.100 crianças, fora funcionários, mães e pais, projetos? Seria um clichê dizer que a escola é aberta, e de fato o termo surge de uma dicotomia em preto-e-branco. A escola é porosa, esponjosa, coloidal. A depredação de suas instalações não surge de um conflito bélico, mas da apropriação do espaço, de um processo osmótico que diz: a sociedade que vivemos na Vila P. não é um prédio de tijolos à vista e grades, ela é um labirinto de ruas sinuosas, coloridas.

Quando recorro dos jornalistas e “experts” falando da destruição do “patrimônio” público pelos “vândalos”, dou risada imaginando o velho mundo em preto e branco dos shopping centers e do ar-condicionado, e de que patrimônio vem justamente a sociedade patriarcal. Assim como observo inúmeros confrontos físicos entre os alunos, também observo quebra-quebra de partes da escola, e noto que um conflito só existe porque as partes conflitantes “estão ali”, elas **são** o conflito e dão sentido a ele; apenas os mortos e os que não amam nem entram em conflito (um arroubo de análise lógica deste meu aforismo conclui, então, que os mortos também amam, pelo menos mais do que os vivos que não amam...). E, como diz Nietzsche “o que se faz por amor sempre acontece além do bem e do mal”.

Desfecho, encerramento, interrupção, conclusões?

Como diz a música dos Secos e Molhados: “não vou buscar a esperança, na linha do horizonte, nem saçar a sede do futuro, da fonte do passado, nada espero e tudo quero, sou quem toca sou quem dança, quem na orquestra desafina. quem delira sem ter febre, sou o par e o parceiro. das verdades, a desconfiança”

Nossa inquietação é que a colossal potência esquizo envolvendo o ato de educar, os fluxos de ensino e de aprendizagem, os territórios movediços do universo escolar é atravessada por uma organização que, sob a égide de um estado “democrático e moderno”, leva consigo fascismos de poder que são a reciclagem com novas roupagens de uma sociedade tradicional, de clãs, relações de compadrio, vassalagem e parentesco. E tais relações, manifestas na transformação da democracia em um jogo de interesses e vaidades, das relações comunitárias em gangues fechadas em disputas de sangue e dinheiro, aliadas à grande desorganização e burocracia da máquina da Prefeitura torna a administração escolar molar um paradoxo. A gestão não deveria existir independente das escolas, mas quem vive na escola a vê como uma realidade distante, uma espécie

de "Mágico de OZ" (onde tudo acontece em função de chegarem à cidade das esmeraldas), ditando modas e pautas, legislando e encapsulando todos os fluxos. Sejam diretos, não sabemos como isso começou nem como vai terminar, mas observamos na escola conflitos étnicos não mediados entre alunos moradores do bairro e professoras e professores vindos de mundos distantes, submetidos a regimes insanos de trabalho, que hesitam em andar de ônibus pelo medo de esperar no ponto.

A cartografia do espaço escolar, com o tempero etnográfico, desvela a potência dos fluxos moleculares e sua despotencialização nos fluxos molares. A riqueza das experiências e análises, o germe da construção do conhecimento, dos saberes, da multiplicidade de práticas possíveis é atravancada, esmagada, vilipendiada pela inércia administrativa.

Visitamos um lugar abandonado a si mesmo, a guerras de tráfico, o isolamento de uma escola em um ambiente que a encara com estranhamento na sua função primordial e macropolítica de educar e socializar, mas que a acolhe como espaço de integração, de referência, de conflito. Observamos que os alunos acoplam a escola a diferentes cotidianos, a transformam em diferentes devires: campo de futebol, lugar para não fazer nada, alimentar-se, brincar, subir em árvore, um espaço "dentro" a ser invadido por um "fora". A escola converte-se em analisador sociológico, psicossociológico antropológico, pedagógico, enfim, esquizoanalítico. No entanto, seus devires precisam da potência a-significante do olhar. Chamamos, de novo, Ítalo Calvino e suas *Cosmicômicas* para a conversa, no capítulo em que imagina e devaneia sobre as conchas calcárias, dotadas de uma beleza construída em épocas em que não havia olhos para contemplar. Calvino escreve um conto do ponto de vista de um molusco que passa a imaginar se a retina não teria sido evolutivamente construída para contemplar a beleza das conchas.

Para a maioria dos moluscos, a forma orgânica não tem muita importância na vida dos membros da espécie, dado que estes não podem ver-se uns aos outros ou têm apenas uma vaga percepção dos outros indivíduos e do ambiente. O que não impede que estriamentos de cores vivas e formas que se mostram belíssimas ao nosso olhar (como em muitas conchas dos gastrópodes) existam independentemente de qualquer relação com a vista. (Calvino, 2007, p.133)

Não podemos ser idealistas e visionários a ponto de achar que a política pública "macro" é a única força possível de melhorar as condições de vida, de habitação, de acalmar os graves conflitos bélicos. Mas ela possui recursos materiais, máquinas concretas e abstratas, energia potencial e ecológica/econômica. É aqui que nos despedimos imaginando a possibilidade de quanto o nosso olhar de pesquisadores, no fim das contas financiados, inspirados e impregnados pelas

máquinas macropolíticas, não poderia contribuir neste fluxo molar-molecular, na energização dos devires-escola como espaços de descoberta da beleza e da sensibilidade naquilo que parece feio, sujo e violento. Pensamos nisso porque na Vila P e na Escola M o espaço e o tempo são habitados por seres humanos que amam, sofrem, vibram, esperam e se desesperam 12 meses por ano, 30 e poucos dias por mês, sete dias por semana, 24 horas por dia, 60 minutos por hora, 60 segundos por minuto e todos os espaços infinitos entre um segundo, um centésimo, um milésimo e outro. O tempo é infinito e cheio de vazio que podemos preencher com futuros melhores. É isso que esperamos enquanto o nosso Sol continuar a brilhar e a aquecer.

Notas

- * Pesquisa financiada pelo CNPq. Agradecimentos às professoras Margarete Axt, supervisora desta pesquisa, e Tânia Mara Galli Fonseca, pela revisão do texto.
- ¹ Utilizamos aqui os intercessores da mesma maneira que Gilles Deleuze o faz em *Conversações*: "O que me interessa são as relações entre as artes, a ciência e a filosofia. Não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação à outra. Cada uma delas é criadora." (Deleuze, 1997, p.152). Compreendemos que as ressonâncias entre arte, filosofia e ciência, são os intercessores cartográficos potencializadores da cartografia.
- ² Deleuze, Gilles, Guattari, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* vol. 01. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- ³ Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs*, Vol. 03, trazem a ideia de que o masoquista tem acesso ao corpo pelas ondas doloríferas, ou seja, por suas intensidades. O *Corpo-Sem-Órgãos* é uma composição de lineamentos, cada um o cria para si (1996, p. 2).
- ⁴ Sugiro aos intrépidos leitores uma inserção terrorífica neste universo de referência: o filme "Hellraiser: Hellbound" de Clive Barker, que, por incrível coincidência, parece ter sido feito para ilustrar o texto de Deleuze e Guattari "28 de novembro de 1947 - como criar para si um corpo sem órgãos". Tudo está ali em um filme de terror barato, porém muito bem construído esteticamente e filosoficamente; sadomasoquismo, ondas doloríferas, *Corpo-sem-órgãos*.
- ⁵ Plenificação, mesmo que tornar pleno e não um erro de digitação da planificação. Tornamo-nos plenos em uma dobra entre os planos.
- ⁶ O conceito de controle refere-se à distribuição a-centrada, para qual evocamos novamente Deleuze "A família, a escola, o exército, a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou potência privada, mas agora são figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes" (1997, p.24)

Referências

- Axt, M., Ferreira Filho, R. C. M., Balle, E. E., Rodrigues, S. S., & Müller, D. N. (2008). Cidades virtuais: tecnologias para aprendizagem e simulação. In *IV Seminário Jogos eletrônicos*,

- educação e comunicação: construindo novas trilhas* (pp. 1-10). Salvador.
- Barker, C. (Diretor). (1987). *Hellraiser* [Filme-vídeo]. Reino Unido: Cinemarque Entertainment.
- Calvino, Í. (1994). *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calvino, Í. (2007). *Todas as cosmicômicas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Deleuze, G. (1997). *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa, uma filosofia prática*. São Paulo: Editora Escuta.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 01). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1996). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 03). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Fonseca, C. (2004). *Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares*. Porto Alegre: Editora da Universidade.
- Guattari, F. (1980). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34 .
- Kastrup, V. (2009). O funcionamento da atenção no trabalho do Cartógrafo. In E. Passos, E. Kastrup, & L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia* (pp. 32-51). Porto Alegre: Sulina.
- Kirst, P. G., Giacomel, A. E., Ribeiro, C. J. S., Costa, L. A. & Andreoli, G. S. (2003). Conhecimento e Cartografia: tempestade de possíveis. In T. M. G. Fonseca & P. G. Kirst (Orgs.), *Cartografias e devires: a construção do presente* (pp. 91-103). Porto Alegre: Editora da Universidade.
- Passos, E., Kastrup, E., & Escóssia, L. (2009). *Pistas do método da cartografia*. Porto Alegre: Sulina.
- Rancière, J. (2005). *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.

Recebido em: 20/11/2009

Revisão em: 11/01/2010

Aceite em: 28/03/2010

Fábio dal Molin é Graduado em Psicologia (1999), mestre em Psicologia Social e Institucional (2002), doutor em Sociologia e pós-doutorado jr. (CNPq) em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007). Professor adjunto I do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Rio Grande, RS. Endereço: Rua João Guimarães, 117/08. Porto Alegre/ RS, Brasil. CEP 90630-070. Email: dalmolinorama@gmail.com

Como citar:

Dal Molin, F. (2011). Rizomas e fluxos molares e moleculares da máquina-escola: confissões de um cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 303-311.